



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Ambientalização e sustentabilidade nas universidades em debate

Irene Carniatto¹,

Adriana Steding²

Resumo: A complexidade ambiental insere as universidades no debate circunscrito no mundo atual em um espaço de possibilidades de sustentabilidade, justiça social dentro do marco da racionalidade estabelecida. Este estudo tem como objetivo principal relatar os conceitos e/ou a visão dos palestrantes a respeito do conceito sustentabilidade e a ambientalização nas Universidades ocorrido por ocasião da realização do VI Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul – CPEASul. Para a concretização desse trabalho foi utilizada como metodologia a pesquisa narrativa, através da qual são apresentados os relatos, com uma análise do debate realizado na Mesa de Debate: Ambientalização e sustentabilidade nas Universidades. Como resultado é possível apontar a trajetória, limites e possibilidades dos principais esforços realizados na caminhada em direção a um futuro mais sustentável nas universidades.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Universidades Sustentáveis; espaços educadores.

Introdução

A formação do pensamento antropocêntrico originou mudanças no meio natural, fortalecendo um movimento exploratório desenfreado, alimentado pelo desenvolvimento industrial tecnológico, conhecido como revolução industrial. A

¹ Doutora, Pesquisadora e Docente do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, Paraná, Brasil. Participante do Coletivo das Redes Brasileira, Sul-brasileira e Paranaense de Educação Ambiental - REBEA – REASul - REA-PR, irenecarniatto@gmail.com.

² Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Cidade de São Paulo. Mestranda no Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável da Unioeste, Pós-graduada do curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.. E-mail: steding_a@gmail.com.br.



consequência de toda ação extrativista e destrutiva do homem para com a natureza, só foi percebida como tal muito recentemente.

Os movimentos políticos e socioambientais criados por organizações preocupadas com a humanidade e suas reais e possíveis dificuldades de sobrevivência no meio ambiente têm apontado de forma muito clara, que a relação do homem com a natureza precisa de alternativas sustentáveis para que futuras gerações sobrevivam.

Necessitamos de mudanças substanciais nas formas de exploração dos recursos naturais, numa visão em que o homem não se veja separado da natureza e tenha uma nova consciência e atitude em relação aos recursos e seres que o cercam. Para isso necessitamos compreender as transformações socioambientais, para a formação e atuação de indivíduos de pensamento crítico, caminhando lado a lado com a sustentabilidade.

A complexidade ambiental insere as universidades em um mundo de possibilidades no debate pela sustentabilidade e justiça social, no mundo atual. Mas, quando falamos em sustentabilidade nas instituições formadoras do sujeito e dos profissionais das diversas áreas do conhecimento, nos deparamos com um grande desafio, o de implementar e trabalhar sustentabilidade em seus currículos. Nesse sentido, questionamos como podemos compreender o papel da instituição formadora diante desse momento histórico.

Este trabalho teve por material de pesquisa a mesa de Debate: Ambientalização e sustentabilidade nas Universidades, ocorrida no VI Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul (VI CPEASul), que aconteceu no dia 19/08/2015, na UNICENTRO, cidade de Guarapuava, Paraná, no intuito de socializar e debater estratégias e indicadores que permitam avaliar o processo de ambientalização nas IES.

Nesta mesa estiveram presentes Dr. Antonio Fernando Silveira Guerra (UNIVALI), Dr. Aloísio Ruscheinsky (UNISINOS) foram os debatedores e a Dra Irene Carniatto (UNIOESTE) representou a Dra. Maria Arlete Rosa (TUIUTI) bem como teve também o papel de Moderadora e por Relatora Profa Maria Aparecida Hinsching (UEPG), todos pesquisadores, que já discutem essa temática e possuem grupos de pesquisas e atuação nesta área, articulados através das Redes de Educação Ambiental



(Rede Brasileira de Educação Ambiental – REBEA, Rede Sulbrasileira de Educação Ambiental - REASul, Rede Paranaense de Educação Ambiental REA-Pr).

Este estudo tem como objetivo principal contribuir com no processo de ambientalização nas Instituições de Educação Superior - IES, e apresenta uma análise do debate realizado, relatar os conceitos e/ou a visão dos palestrantes a respeito do conceito sustentabilidade e de ambientalização nas Universidades. Com a realização dessa análise serão apresentadas as principais concepções e dos esforços realizados na marcha em direção a um futuro mais sustentável nas universidades.

O procedimento realizado nesta análise, nos permitiu identificar como se da a inclusão das dimensões da sustentabilidade nas instituições de ensino superior, bem como distinguir as fragilidades, as problemas e os desafios frente à necessidade desta inclusão.

Sustentabilidade e Ambientalização na Educação Superior

Para se redimir de seus próprios danos, e diante de uma ameaça de autodestruição o homem tem criado formas para se proteger de si mesmo. O conceito sustentabilidade surgiu como modelo de auto preservação, e teve sua origem registrada no final do século XX, possui inúmeras definições, que compartilham dimensões, tidas por muitos como dimensões ou visões de sustentabilidade.

Segundo Leonardo Boff (2012), a sustentabilidade deve acolher a totalidade do Sistema Terra, o Sistema Vida e o Sistema Vida Humana, afirma ainda, que o conceito, hoje é empregado de uma forma tão mercantil que se transformou num idiotismo, sem que seu conteúdo seja verdadeiramente claro ou definido, portanto, faz-se imprescindível que se distinga verdadeiramente o que é e o que não é sustentabilidade.

Sustentabilidade é um termo usado para definir ações e atividades humanas que visam suprir as necessidades atuais dos seres humanos, sem comprometer o futuro das próximas gerações. Ou seja, a sustentabilidade está diretamente relacionada ao desenvolvimento econômico e material sem agredir o meio ambiente, usando os recursos naturais de forma inteligente para que eles se mantenham no futuro. Seguindo estes parâmetros, a humanidade pode garantir o desenvolvimento sustentável (DIAS, 2010).



As extensões da sustentabilidade segundo Sachs (1993), devem compor um equilíbrio na amplitude Social, Econômica e Ambiental em busca de um Desenvolvimento Sustentável.

A sustentabilidade é um desafio constituído por muitos obstáculos, e esses, por vezes, demandam grandes mudanças, o que torna o processo lento, mas que deve ser perseguido. Não existe uma fórmula única para a sustentabilidade, mas o importante é que cada instituição pública ou privada busque delinear uma estratégia no sentido desta (BARBOSA; BASSETTO *et al.*, 2010).

Inspirados em Boff (2012), pode-se compreender que o Desenvolvimento Sustentável se alcança preservando a biodiversidade, respeitando os limites da natureza, gerando a harmonia e a mobilidade social, respeitando a identidade cultural de cada comunidade e dessa forma planejar ações e decisões a serem tomadas.

Na atualidade, o termo sustentabilidade é um dos assuntos de maior interesse entre acadêmicos, pesquisadores, empresas, liderança do mundo inteiro e a sociedade como num todo. Mas quando falamos em implementar e trabalhar sustentabilidade nos currículos das instituições de ensino superior, nos deparamos com um grande desafio. Nessa linha de pensamento, Orsi, Guerra e Figueiredo (2015), reafirmam que falar em “sustentabilidade” é uma questão complexa.

Segundo Barbosa (*et. al.*, 2010) “a sustentabilidade é um desafio constituído por muitos obstáculos, e esses, por vezes, demandam grandes mudanças, o que torna o processo lento, mas que deve ser perseguido”.

Para esta tarefa as universidades são consideradas como o ambiente primordial de geração de conhecimento e de origem de ações que tenham por objetivo identificarem e desenvolverem metodologias, táticas, propostas de ação e produtos que resgatem o respeito pelas leis que regerem o equilíbrio ambiental, para o desenvolvimento e prática da sustentabilidade.

Neste contexto, as Instituições de Ensino passam a assumir um papel fundamental na formação de novas ideias e quebra de paradigmas. É imprescindível que as Instituições de Ensino incorporem novos procedimentos administrativos e acadêmicos, visando à concepção do desenvolvimento sustentável. As universidades devem então ser o berço de iniciativas que promovam ações na busca do equilíbrio entre a produção de bens e serviços e a qualidade de vida e ambiental (BARBOSA; BASSETTO; GALLI; CHAVES; MUZI; REMER; LEME, 2010).



Segundo a Política Nacional de Extensão Universitária, encontramos limites na universidade pública brasileira, institucional e organizacional, e entre esses destacam-se: o financiamento instável; a estrutura acadêmica rígida, conservadora e, muitas vezes, elitista, essas limitações, caso não enfrentadas, colocam em riscos o cumprimento da missão de produzir um conhecimento capaz de induzir um desenvolvimento ético, humano e sustentável.

As Instituições de Ensino Superior são órgãos privilegiados de propagação do conhecimento, através do ensino e da investigação, e ainda são as responsáveis pela formação de grande parte das pessoas que assumem cargos relevantes na sociedade. Portanto, estas devem ter um papel preponderante no Desenvolvimento Sustentável e devem ser elas próprias, modelos de sustentabilidade (MADEIRA, 2008).

Sob esse enfoque o conceito de uma Universidade sustentável é aquela em que:

- a principal prioridade é a sustentabilidade ambiental;
- o conhecimento ambiental se encontra integrado nas suas disciplinas mais relevantes;
- se organizam oportunidades para os alunos estudarem os problemas ambientais do campus e também locais;
- são efetuadas auditorias ambientais no campus;
- são estabelecidas práticas de compra ambientalmente responsáveis;
- se procura ativamente reduzir os resíduos produzidos no campus;
- é maximizada a eficiência energética no campus;
- é criado um centro ambiental de alunos;
- são apoiados os alunos que procuram carreiras ambientalmente responsáveis (BAKKER, 1998).

A experiência universitária é rica e única, quando permite um ambiente aberto à troca de informações, debates, construção de pensamentos, ações sociais, políticas, enfim, um contexto propício a aprimorar e desenvolver um pensamento mais crítico sobre diferentes aspectos da vida, e atualmente atende ao seu papel social, principalmente quando tem a centralidade de sua vivência acadêmica na temática ambiental (ROSA; ZANON, 2013).

A comunidade acadêmica tem focado suas pesquisas no que diz respeito ao termo sustentabilidade e ambientalização dos currículos, que na atualidade são extremamente utilizados, no entanto, efetivamente são insuficientes as atividades de pesquisa para atingirem os seus objetivos e as Instituições do Ensino Superior não são exceção.

No processo de ambientalização as instituições de Ensino Superior devem ser pensadas como um sistema e não apenas como estrutura, pois possuem desafios práticos



relacionados ao planejamento e também ao ensino, como os mecanismos que suscitam as práticas de sustentabilidade que se apresentam à concretização desse processo de “ambientalizar” (MARCOMIM; SILVA, 2009).

No que diz respeito à organização curricular, Guerra e Figueiredo (2014) nos falam da lacuna entre o que as Diretrizes Curriculares Nacionais e recomendam que seja dada atenção também aos requisitos da Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância do MEC, no que diz respeito à “integração da educação ambiental às disciplinas do curso de modo transversal, contínuo permanente”. Especialmente, os autores destacam a mudança interna e estrutural que a ambientalização da universidade exige:

O processo de ambientalização exige flexibilidade, diálogo de saberes, socialização de conhecimentos de diferentes áreas, mudanças de atitudes e estilos de vida e vivência de princípios e valores ambientais. Além disso, o compromisso de toda a comunidade universitária e escolar na transformação da realidade e na incorporação da cultura da sustentabilidade socioambiental como política institucional nas universidades (GUERRA; FIGUEIREDO, 2014).

Quanto ao foco na dimensão dos currículos, a ambientalização curricular compreende a inserção de conhecimentos, de critérios e de valores sociais, éticos, estéticos e ambientais nos estudos e currículos universitários, no sentido de educar para a sustentabilidade socioambiental. Assim sendo, os Projetos Pedagógicos e os planos de ensino dos cursos precisariam apresentar conceitos e instrumentos curriculares que consentissem entender e contemplar o ambiente e sua complexidade, de maneira a integrar o fator ambiental em sua futura atividade profissional (BOLEA, *et al.*, 2004).

Os aspectos principais da ambientalização da universidade é a gestão, o ensino, a pesquisa e as práticas de extensão universitária. Nesta conceituação, os autores Ruscheinsky, Guerra, Figueiredo, Leme, Ranieri e Delitti (2014), nos apresentam que:

O significado da ambientalização perpassa uma aproximação entre as diversas atividades acadêmicas em diferentes níveis de articulação. Consiste em traduzir a grandeza da complexidade articulando as dimensões social, ética, biótica, política, entre outras, reconhecendo a devida tensão entre a biodiversidade e a sociodiversidade.

Existem desafios práticos relacionados ao planejamento e também ao ensino, como os mecanismos que suscitam as práticas de sustentabilidade.



No entanto, nesta perspectiva o campo da Educação Ambiental enquanto ciência que traz a educação sob a ótica das dimensões: política, social, econômica, política, ambiental e espiritual, pode ser elemento fundamental para o desenvolvimento de uma proposta de sustentabilidade para a universidade. Tendo em vista uma educação ambiental que, segundo Sauv  (2005, p.321) “considere a perspectiva do desenvolvimento sustentável (como importante fen meno sócio histórico), não se restrinja a isso. A educa o ambiental não pode realizar-se senão em um espaço de crítica social, sem entraves”.

Mediante essa inquieta o, Figueiredo (*et.al.*, 2015) acreditam que as Institui es de Ensino Superior, agente responsáveis em edificar o conhecimento e formadoras de valores, desempenham papel importante perante a sociedade, sobretudo no que se refere   sensibiliza o, participa o e socializa o dos conhecimentos produzidos para minimizar os impactos: das mudanças climáticas que afetam o Planeta Terra, bem como, de nossas obriga es, em cessar e ou minimizar a degrada o ambiental, causada pela explora o desenfreada da biodiversidade, de recursos e de serviços ambientais, indispensáveis   sustentabilidade da vida na Terra.

A preserva o da diversidade depende da tolerância, da constru o de espaços e processos dialógicos que permitam superar o conflito em dire o   coopera o. Nessa perspectiva, se existe um modelo ideal, este deve ser, especialmente na Universidade Pública, o de Universidade Democrática que poderá exercer satisfatoriamente sua missão de contribuir para o desenvolvimento, em suas dimensões  tica, humana, social e econ mica, que a sociedade brasileira anseia e precisa (FORPROEX, 2012).

A educa o para o futuro sustentável pode ser realizada em todas as disciplinas com módulos interdisciplinares (LEGAN, 2009, p.26).

Por meio das inúmeras possibilidades, a educa o ambiental proporciona repensar práticas sociais e o papel dos docentes, como mediadores de um conhecimento imprescindível para que os educandos “adquiram uma base adequada de compreensão essencial do meio ambiente global e local, da interdependência dos problemas e solu es e da importância da responsabilidade de cada um para construir uma sociedade” ambientalmente correta e justa (JACOBI, 2003, sp, 204).

Metodologia



Este trabalho teve por material de pesquisa a mesa de Debate: **Ambientalização e sustentabilidade nas Universidades**, ocorrida no VI Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul (VI CPEASul), que aconteceu no dia 19 de agosto de 2015, no Auditório Francisco Contini – Campus Santa Cruz da Universidade Centro Oeste (UNICENTRO), na cidade de Guarapuava, Paraná.

O VI Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul (VI CPEASul) foi realizado em conjunto com o XV Encontro Paranaense de Educação Ambiental (EPEA), II Colóquio Internacional de Rede de Pesquisa em Educação Ambiental por Bacia Hidrográfica, II Simpósio de Pesquisadores de Faxinais e III Semana do Meio Ambiente.

Neste artigo são apresentados e introduzidos de forma concisa os conceitos e alguns dados das apresentações realizados pelos ilustres palestrantes presentes: o Dr. Antônio Fernando Silveira Guerra (UNIVALI) apresentou o Tema: **Ambientalização e Sustentabilidade no Centro Universitário de Brusque: um processo em construção**, representando também a Dra. Mara Lúcia Figueiredo (UNIFEBE); o Dr. Aloísio Ruscheinsky (UNISINOS) apresentou o tema **A interpretação de desafios e explicitação de conflitos envolvendo o ensino e a política de sustentabilidade na universidade**; e a Dra Irene Carniatto (UNIOESTE) representou Maria Arlete Rosa (TUIUTI) com o **Política de Educação Ambiental do Paraná e seus desafios** e também atuou como Moderadora dos Debates, tendo por Relatora Maria Aparecida Hinsching (UEPG). Cujos artigos que serão publicados conjuntamente nesta obra, fazem parte do contexto deste relato e da pesquisa.

A partir do tema ambientalização e sustentabilidade nas Universidades, após a apresentação, os palestrantes e mediadores da mesa de discussão ainda desenvolveram alguns pontos de debate sobre as seguintes questões, propostas pela moderação da mesa:

- Qual sua avaliação sobre o estado da arte das universidades brasileiras e as políticas ambientais que as embasam?
- Como podemos compreender o papel da Universidade enquanto instituição formadora diante do atual momento histórico?



- Os atores do processo de ambientalização e sustentabilidade nas Universidades: como se deu a percepção e engajamento ou não dos diversos atores e seus segmentos enquanto categorias, nesse processo?
- Diante das experiências de ambientalização vivenciados em vossas instituições qual sua avaliação desse processo, compartilhando conosco seus avanços e limites, como também os desafios futuros.

Resultados e Discussões

Histórico do Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul – CPEASUL

O Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul – CPEASUL surgiu a partir da iniciativa de 14 Instituições de Educação Superior (IES) que atuam como instituições-elo da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental – REASul, nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Desde a sua primeira edição, o evento é organizado na forma de Grupos de Trabalho, onde são convidados pesquisadores e pesquisadoras da área a debaterem suas pesquisas com os demais colegas e estudantes, e destes debates resultam artigos e publicações em livros e periódicos, socializados com toda a comunidade, segundo relatou o seu idealizador Antônio Fernando Guerra.

Essa forma diferenciada de organização se configura como uma comunidade de aprendizagem de pesquisadores e estudantes de pós-graduação, e foi se firmando como um espaço de discussão cuja finalidade é a de discutir e socializar conhecimentos, fundamentos, tecnologias educacionais e inovações aplicadas à Educação Ambiental.

O I CPEASUL ocorreu em setembro de 2003 na Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, em Itajaí, Santa Catarina, promovido pelo PPG em Educação da Univali e o PPG em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); o II CPEASUL, em outubro de 2004, foi realizado na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Erechim; o III CPEASUL aconteceu em novembro de 2008 na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, em Canoas, RS; e o IV CPEASUL, em setembro de 2010, em Balneário Camboriú, Santa Catarina, promovido pelo PPG em Educação da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI.

307

Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E-ISSN 1517-1256, v. 32, n.2, p. 299-318, jul./dez. 2015.



Coube ao PPGEA/FURG a organização do V CPEASUL e do IV Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental (IV EDEA), na cidade do Rio Grande/RS, entre 25 e 28 de setembro de 2012. O atual e V CEPEASUL foi realizado com um conjunto de eventos: o XV Encontro Paranaense de Educação Ambiental – EPEA, II Colóquio Internacional de Rede de Pesquisa em Educação Ambiental por Bacia Hidrográfica, VI Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul – CPEASUL, II Simpósio de Pesquisadores de Faxinais e a III Semana do Meio Ambiente, sediado pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, na cidade de Guarapuava, Paraná, nos dias 18 a 20 de agosto de 2015.

Contribuição Coletiva para Ambientalização: mesa de debate Ambientalização e Sustentabilidade nas Universidades

Este trabalho teve por material de pesquisa a mesa de Debate: Ambientalização e sustentabilidade nas Universidades, ocorrida no VI Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul (VI CPEASul), que aconteceu no dia 19/08/2015, na UNICENTRO, cidade de Guarapuava, Paraná.

Tendo como tema de palestras e debate “A Ambientalização e sustentabilidade nas Universidades” foi estruturado no intuito de socializar e debater estratégias e indicadores que permitam avaliar o processo de ambientalização nas IES.

Nesta mesa estiveram presentes os ilustres palestrantes Dr. Antônio Fernando Silveira Guerra (UNIVALI), Dr. Aloísio Ruscheinsky (UNISINOS) foram os debatedores e a Dra Irene Carniatto (UNIOESTE) representou a Dra Maria Arlete Rosa (TUIUTI) bem como teve também o papel de Moderadora e por Relatora Profa. Maria Aparecida Hinsching (UEPG), todos são pesquisadores que já discutem essa temática e possuem grupos de pesquisas e atuação nesta área, articulados através das Redes de Educação Ambiental (Rede Brasileira de Educação Ambiental – REBEA, Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental – REASul e a Rede Paranaense de Educação Ambiental REA-Pr).

No Brasil as discussões a cerca de ambientalização e sustentabilidade nas instituições de ensino superior, ganham fôlego por meio de inúmeros eventos, pesquisas, projetos, parcerias e ações que buscam elementos para incubação de uma



ampliação do compromisso das universidades com a ambientalização, podemos visualizar em importantes estudos e trabalhos.

Apresenta-se como destaque os eventos realizados: os Encontros Paranaenses de Educação Ambiental (EPEA) e os Colóquios de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul (CPEASul), dentre outros eventos, os quais vieram reforçar ainda mais a discussão de assuntos da Educação Ambiental, Sustentabilidade, Políticas Públicas e Desenvolvimento Ambiental.

Em meio a outros Grupos de Trabalho (GTs), destacamos aqui no VI CPEASUL, o GT2 - Ambientalização e sustentabilidade nas Universidades, composto por, Mara Lúcia Figueiredo (UNIFEBE), Antonio Fernando Silveira Guerra (UNIVALI), Maria Arlete Rosa (TUIUTI) e Aloísio Ruscheinsky (UNISINOS) foram os Debatedores e a Irene Carniatto (UNIOESTE) foi a Moderadora e por Relatora Maria Aparecida Hinsching (UEPG).

Em sua palestra Guerra nos apresentou o percurso histórico de ambientalização das Universidades, a seguir apresentam-se aspectos que foram destacados. Baseados em sua exposição e em um dos seus recentes trabalhos, o artigo “Ambientalização e Sustentabilidade no Centro Universitário de Brusque: processo em construção” (FIGUEIREDO, *et. al*, 2015)², este traz como foco a sustentabilidade e ambientalização curricular nas instituição de ensino superior como tema principal.

O seu artigo relata um histórico de como o Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), vem promovendo a ambientalização, e que essa realidade só foi possível a partir do momento em que a gestão da faculdade assumiu o compromisso com a temática ambiental, da sustentabilidade e da responsabilidade socioambiental. Destaca ainda, que esse processo foi fortalecido, ainda mais, por meio da participação da instituição em programas e projetos em parceria com várias universidades.

Relata ainda, que ao realizar esse tipo de trabalho que permite conhecer o grau de ambientalização em cada IES, bem como foi possível vivenciar a troca de experiências em rede entre universidades, promover avanços com as dificuldades

² Artigo em publicação nesta mesma obra dos autores: Mara Lúcia Figueiredo; Antonio Fernando Silveira Guerra; Márcia Maria Junkes; Raquel Fabiane Mafra Orsi. “**Ambientalização e Sustentabilidade no Centro Universitário de Brusque: um processo em construção**”, 2015.



vivenciadas, compartilhadas e discutidas, tanto por pesquisadores, como por docentes, coordenadores, gestores institucionais, técnicos administrativos e docentes (FIGUEIREDO, *et. al*, 2015)

Como “caminho pioneiro” foi apontado, nos anos 2000 a pesquisa e trabalhos desenvolvidos em conjunto pelas universidades participantes da “Red de Ambientalización Curricular de los Estudios Superiores” (REDE ACES, 2000)³, e que vem sendo replicado por vários autores no Brasil (PAVESI; FARIAS; OLIVEIRA, 2006; KITZMANN, 2007; MARCOMIN; SILVA, 2010; KITZMANN; ASMUS, 2012; GUERRA; FIGUEIREDO; SCHMIDT, 2012a, 2012b), dentre outros.

Apresentou também, que em 2011, a Plataforma Informação, Sensibilização e Avaliação da Sustentabilidade nas Universidades (LEME *et al.*, 2012) foi apresentada no III Seminário Sustentabilidade nas Universidades. No ano seguinte, aconteceu na UNIVALI, em Itajaí/SC, a II Jornada Ibero-Americana da Alianza de Redes Iberoamericanas por la Sustentabilidad y el Ambiente – ARIUSA (GUERRA; FIGUEIREDO; SAENZ, 2012. Nessa Jornada foi criada a Red de Indicadores de Evaluación de la Sustentabilidad en Universidades Latinoamericanas – RISU.

Em 2014, Ruscheinsky, Guerra, Figueiredo, Leme, Ranieri e Delitti (2014) organizam o livro *Ambientalização nas Instituições de Educação Superior no Brasil: caminhos trilhados, desafios e possibilidades*. Que segundo Guerra, o livro “apresenta pesquisas, reflexões, aportes teóricos e relato de experiências sobre ambientalização e sustentabilidade nas IES brasileiras”, sistematizados a partir das discussões nos grupos de trabalho do IV Seminário Sustentabilidade nas Universidades, realizado em Porto Seguro, na Bahia.

Apresentando também, que ao longo dos últimos anos, a UNIFEBE vem se destacando no campo socioambiental e da responsabilidade social,

Por prêmios recebidos (Selo Social), artigos e livros publicados, projetos e estudos que integram pesquisa, ensino e extensão, e pela realização de eventos como o Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão (ENPEX), o Fórum de Prevenção de Desastres Ambientais da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí e o Congresso de Inovação, Tecnologia e Sustentabilidade, e também pela

³De acordo com Freitas *et. al* (2003), a Rede ACES foi formada por pesquisadores de onze universidades, de sete países da América Latina e Europa, no âmbito do Programa de Ambientalización Curricular de los Estudios Superiores: diseño de intervenciones y análisis del proceso, em dezembro de 2000.



oferta de disciplinas, projetos interdisciplinares e de extensão focados na temática da responsabilidade socioambiental.

Com o apoio da reitoria da UNIFEBE o processo de gestão para ambientalização da UNIFEBE iniciou-se, em 2013, com a formação “Sustentabilidade nas Universidades: desafios à ambientalização na UNIFEBE” voltada para Coordenadores de Cursos de Graduação. Assim, desta mobilização foi instituído o Comitê de Sustentabilidade, com a publicação da PORTARIA UNIFEBE nº 28/2013, que constitui o Comitê e indica seus membros.

Durante os anos de 2013 e 2014, como parte do processo de ambientalização da UNIFEBE, os membros do Comitê de Sustentabilidade realizaram uma série de reuniões e participaram da organização de vários eventos.

Destaca-se também a parceria com pesquisadores do Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade (GEEAS) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Univali possibilitou à UNIFEBE a participação no projeto “Ambientalização e Sustentabilidade nas Universidades: subsídios e compromissos com boas práticas socioambientais”, financiado pelo CNPq. Cujos resultados foram dirigidos para investigar o processo de ambientalização curricular nos cursos de graduação da UNIFEBE.

E o aporte dos dados obtidos com a realização de dois projetos de iniciação científica, financiados com recurso do Art. 170, vinculados ao projeto “Ambientalização e sustentabilidade nas universidades: subsídios e compromissos com boas práticas socioambientais” realizado em parceria com a UNIVALI, UNISINOS e EESC-USP, com a coordenação de pesquisador da UNIVALI com o apoio CNPq.

Destacado auxílio para esta caminhada, foi a participação no Projeto RISU (2013-2014)⁴: “Definición de indicadores de evaluación de la sustentabilidad en Universidades Latinoamericanas”, em parceria 65 IES de 10 países, sendo 13 brasileiras. O projeto RISU foi coordenado pela Universidade Autônoma de Madri e o apoio do Banco Santander da Espanha.

⁴ Os resultados do projeto RISU estão publicados no artigo “*O processo de Ambientalização no Centro Universitário de Brusque: A aplicação de um Sistema de Indicadores de Sustentabilidade*”. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 15 - n. 2 - Itajaí, mai-ago 2015, disponível em <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/6974>.



Assim, no dia 22 de outubro de 2014 foi provado pelo Conselho Universitário da UNIFEBE, o Regulamento da Política de Ambientalização que é coordenada e supervisionada pelo Comitê de Sustentabilidade, composto por representantes das Pró-Reitorias; das Coordenações de Curso de Graduação; do quadro docente; do quadro técnico-administrativo e do quadro discente da UNIFEBE.

Os autores finalizam destacando as dificuldades e possibilidades percebidas, dizendo que o processo de ambientação somente será possível por uma “Política regulamentada” e sua implementação “demanda ações de caráter político, administrativo e curricular” (GONZÁLEZ MUÑOZ, 1996, p. 22, *apud* FIGUEIREDO, *et. al*, 2015).

O processo de ambientalização nas IES requer a transposição de inúmeros obstáculos, como estabelecer uma cultura de sustentabilidade e de estratégias participativas para oportunizar formação continuada e debates em torno desta temática, concluímos que, apesar das dificuldades, o processo de ambientalização desenvolvido na UNIFEBE nos permite propor estratégias de ambientalização curricular para os cursos de graduação desta IES, bem como contribuir na elaboração e implementação de Políticas Institucionais de Ambientalização em outras IES (FIGUEIREDO, *et. al*, 2015).

Em sua palestra o Dr. Aloísio Ruscheinsky, apresentou à mesa de debate a sua recente pesquisa sobre “Interpretação de Desafios e Explicitação de Conflito Envolvendo o Ensino e a Política na Universidade” (RUSCHEINSKY, *et. al*, 2015)⁵, no qual aborda ricamente a inserção de temas ambientais na grade curricular no ensino superior, baseada nas políticas públicas ambientais, bem como a trajetória dos fluxos socioambientais: As intenções e os condicionantes, exemplificando o que ocorreu na Unisinos.

Apresentou que o histórico de ambientalização vem sendo construído anterior a 1989, quando a Unisinos tornou-se a incubadora do Comitê de Bacias Hidrográficas do Rio Sinos, formando parceria no projeto de monitoramento das águas do Rio Sinos, e também elaborou o diagnóstico da bacia, bem como seu plano de recuperação.

⁵ Artigo em publicação nesta mesma obra dos autores: Aloísio Ruscheinsky; Patrick Deconto Peliccioli; Diandra dos Santos de Andrade; Géssica Carneiro da Rosa. “**A interpretação de desafios e explicitação de conflitos envolvendo o ensino e a política de sustentabilidade na universidade**”, 2015.



Mais recentemente em 1996, alguns funcionários apresentaram propostas para ações ligadas às questões ambientais, tais como biodiversidade, consumo de água e energia elétrica, áreas verdes, coleta de lixo, acessibilidade, segurança, etc. Com a incorporação de professores e pesquisadores este grupo elaborou o programa institucional “Verde Campus”, responsável pela articulação para o futuro Sistema da Gestão Ambiental (SGA), sendo a 1ª Universidade a receber a certificação de gestão ambiental ISO 14001 da América Latina (RUSCHEINSKY, *et. al*, 2015).

Segundo Ruscheinsky, no processo das “modificações curriculares, que concernem ou tangiam questões ambientais desde meados dos anos 90, consolida etapas de incorporação, conflitos e decisões institucionais administradas”. Na Unisinos se construíram disciplinas de formação humanística, como o enfoque temático em 3 eixos: antropologia, ética e América Latina.

Então hoje não tem nenhuma grade, nem curso que não tenham no mínimo duas atividades que estejam contemplando o tema da sustentabilidade. Há um ano e meio foi feita essa revisão das ementas ou caracterizações, com reuniões com os professores e em todas as atividades se fez a inserção de competências, de referências, de bibliografias sobre sustentabilidade

Assim, a “discussão se consagra, bem ou mal, dentro da tradição latinoamericana e ambiental”. Quando esses “temas são demandados, porém em algumas áreas podem ser substituídos por outros temas, ou seja, nas licenciaturas os alunos podem frequentar América Latina e sustentabilidade socioambiental ou povos indígenas ou afrodescendentes” (RUSCHEINSKY, *et. al*, 2015).

Segundo Ruscheinsky (*et. al*, 2015) “não basta considerar a sustentabilidade como um padrão social ou um dispositivo legal, como é o caso de delimitar e prescrever uma grade curricular nas instituições”.

Esta análise requer um quadro de referência em que as apropriações variadas e assimétricas decorrem de alguma forma de explicitação de orientações culturais e políticas e da compreensão das ações coletivas. Existem desafios práticos relacionados ao planejamento e também ao ensino, como os mecanismos que suscitam as práticas de sustentabilidade (RUSCHEINSKY, *et. al*, 2015).

Ruscheinsky (*et. al*, 2015) ainda nos alerta para a “discussão dos índices colaborativos dos sujeitos”, e sobre os “resultados qualitativos ou supostamente da



melhora do conforto ambiental” os quais merecem a consideração sendo relevantes seus resultados quanto a uma proposta de sustentabilidade ambiental.

A Dra. Irene Carniatto, em seu trabalho conjunto com a Dra. Maria Arlete Rosa, apresentou um breve histórico da construção da Política de Educação Ambiental do Paraná. Neste trabalho foram consideradas as informações socializadas durante a mesa de debates e também o artigo “Política de Educação Ambiental do Paraná e seus desafios” (ROSA; CARNIATTO, 2015)⁶.

Relatou que desde 2007 a 2013, o Conselho de Educação do Paraná, em cumprimento de uma notificação do Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Proteção ao Meio Ambiente CAOPMA, vinculado ao Ministério Público do Estado do Paraná no qual “solicitou informações quanto ao cumprimento da lei federal de Educação Ambiental no que se refere à transversalidade da Educação Ambiental em todos os níveis e modalidades do ensino”. O Conselho de Educação do Paraná constituiu quatro Comissões Especiais Temporárias com o objetivo de elaborar a deliberação a ser aprovada e cumprida pelo Sistema Estadual de Ensino do Paraná.

Que o ano de 2010 foi dedicado ao debate e reuniões de trabalho e realização de seminários técnicos para elaboração do Projeto de Lei da Política e encaminhamento deste ao Poder Executivo. A partir do segundo semestre de 2011, foram impulsionados os trabalhos com reuniões com as instituições governamentais, para articulação das ações do Conselho Estadual de Educação Ambiental, com as instituições que juntos elaboraram a minuta de projeto de lei da Política Estadual de Educação Ambiental (ROSA; CARNIATTO, 2015).

Carniatto relatou que no período de 2011 a 2012 foram realizadas reuniões de trabalho pela Comissão Especial Temporária de Educação Ambiental⁷. Esta Comissão articulou a participação de órgãos, tais como: Secretaria do Estado de: Educação – SEED; Ciência e Tecnologia – SETI; Meio Ambiente – SEMA; Agricultura e Abastecimento – SEAB; Saúde – SESA; Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Proteção ao Meio Ambiente do Ministério Público do Paraná e representantes das

⁶ Artigo em publicação nesta mesma obra dos autores: Maria Arlete Rosa; Irene Carniatto. Política de Educação Ambiental do Paraná e seus desafios, 2015.

⁷ Comissão Especial Temporária pelas Portarias CEE/PR nº 04/2011 e Portaria CEE/PR nº 02/2012.



Instituições de Ensino Superior do Sistema do Estadual do Paraná. Com a criação de Grupos de Trabalhos temáticos; a realização do Seminário de Educação Ambiental por Bacias Hidrográficas⁸ e a constituição da Rede Paranaense de Pesquisa em Educação Ambiental por Bacia Hidrográfica.

Em 2013 foi aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, a lei que intuiu a Política Estadual de Educação Ambiental, em 11 de janeiro de 2013, Lei Nº – 17.505/2013 e nesse mesmo ano foi aprovada a Deliberação nº 04/13, aprovada em 12 de novembro de 2013, que trata das Normas Estaduais para a Educação Ambiental no Sistema de Ensino do Paraná.

Esta articulação estadual tem realizado uma mobilização conjunta das Universidades Estaduais do Paraná: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual de Londrina (UEL), e ainda participaram das discussões a Universidade Federal do Paraná (UFPR), e a Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

Segundo Irene Carniatto existem inúmeros processos de ambientalização que ocorrem no interior das demais universidades paranaenses, cujo andamento precisam ainda ser mapeados. Alguns em caráter abrangente e outros mais pontuais e em algumas áreas específicas.

Importante destacar do conjunto as palestras e artigos que as embasaram que o processo de ambientalização das universidades ganha diferentes contornos e formatos, bem como históricos únicos. Este é um dos presentes desafios que se encontram postos a todas as comunidades acadêmicas das inúmeras universidades. A sustentabilidade não poderá ser alcançada se não tivermos uma formação que prepare os diversos profissionais de todas as áreas com uma nova maneira de viver, pensar e estar no mundo (CARNIATTO, 2007).

⁸ Em 23/11/12, no Salão de Atos do Parque Barigui, organizado pela Secretaria de Assuntos Metropolitanos e Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano, órgãos da Prefeitura Municipal de Curitiba, Instituto de Planejamento Urbano e Coordenadoria da Região Metropolitana de Curitiba, órgão do Governo do Estado do Paraná.



Considerações Finais

O desequilíbrio ambiental que vivenciamos nos alerta de que a capacidade de regeneração do planeta Terra está ameaçada e o tempo se esgotou para as práticas paliativas de manejo e consumo dos recursos naturais. O desenvolvimento sustentável em sua essência propaga o alongamento de tempo de vida de todas as espécies, suportadas neste planeta, e não apenas a preservação dos seres humanos.

Os discursos debatidos nos nichos de ensinos muitas vezes evidenciam as causas da devastação de gerações passadas, porém, não mobiliza mudanças significantes capazes de mudar a cultura de controle, domínio e pose do ambiente, na qual a espécie humana se auto intitula dominadora.

No que diz respeito ao termo sustentabilidade e ambientalização, na atualidade são extremamente utilizados, no entanto, efetivamente são insuficientes as medidas adotadas para atingirem os seus objetivos, e as Instituições do Ensino Superior não são exceção.

Estamos sim, diante de um grande desafio que é de tornar as instituições de ensino superior exemplos práticos e aplicáveis de que a sustentabilidade é possível. Não precisamos inventar novos conceitos e ou modelos, precisamos organizar ações, formar pessoas conscientes ambientalmente, e as instituições de ensino precisam acelerar esse processo.

Nesse sentido é de extrema importância, promover uma reestruturação dos planos e programas de nossas universidades que oportunizem a todos uma formação voltada à sustentabilidade planetária e o desenvolvimento de comunidades sustentáveis.

Referências

BARBOSA, Valma; BASSETTO, Luci; GALLI, Alessandra; CHAVES, Alessandra; MUZI, Joyce; REMER, Maria; LEME, Samira. Sustentabilidade na Universidade. In: **EDS-2010 - International Conference on Education for Sustainable Development.** Regional Centre of Expertise – RCE CRIE Curitiba – UFPR – UTFPR – PUC-PR - Sistema FIEPR, Curitiba, Brazil, May, 2010. Disponível em: http://www.prppg.ufpr.br/anaiseds2010/papel_educ_sust_univ_gov_emp/117.pdf
Acesso em: out 2015.



BOFF, LEONARDO. **Sustentabilidade e Educação**, 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/509206-sustentabilidadeeducacao> . Acesso em 02 de outubro 2015.

BOLEA, Yolanda; GRAU, Antoni; DOMINGO, Juan; MARTINEZ, Herminio. Ambientalización Curricular de los Estudios de Informática Industrial: La experiencia en la UPC. Anais... **Jornadas de Enseñanza Universitaria de Informática: Robótica e Informática Industrial**. Alicante, Espanha: Editora da Universidade de Alicante, 2004, p. 443-451.

DIAS, Reinaldo. **Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. São Paulo: Atlas, 2010.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus-AM, Maio de 2012. Disponível em: <http://www.proec.ufpr.br/downloads/extensao/2012/legislacao/Politica%20Nacional%20de%20Extensao%20Universitaria%20maio2012.pdf> . Acesso em: out 2015.

GUERRA, Antonio Fernando Silveira; FIGUEIREDO, Mara Lucia. Ambientalização curricular na Educação Superior. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 3/2014, p. 109-126. Editora UFPR.

JACOBI, PEDRO. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, março/ 2003 Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março/ 2003

KITZMANN, Dione. Ambientalização de Espaços Educativos: aproximações metodológicas. **Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiente**, v. 18, p. 553-574, 2007.

KITZMANN, Dione; ASMUS, Milton Luis. Ambientalização sistêmica – do currículo ao socioambiente. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 269-290, jan./abr. 2012.

MADEIRA, Ana Carla Fernandes Damião. **Indicadores de Sustentabilidade para Instituições de Ensino Superior**. Dissertação do grau de Mestre em Engenharia do Ambiente, Ramo de Gestão e Tratamento de Resíduos Industriais, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Porto, Portugal, 2008.

MARCOMIN, Fátima Elizabeti; SILVA, Alberto Dias Vieira da Silva. A sustentabilidade no ensino superior Brasileiro. **Contrapontos**, Volume 9 n° 2, pp. 104 – 117, Itajaí, mai/ago 2009.

PERSONA, MARIO **MEIO AMBIENTE: Sua atitude faz toda a diferença**. Disponível em: http://mariopersona.com.br/meio_ambiente.html. Acesso em: out 2015.



ROSA, ANA MARIA ALMEIDA; ZANON, ANGELA MARIA. Visão da educação ambiental na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul a partir do diagnóstico entre acadêmicos de cursos de formação de professores. **Anais... VII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**. Rio Claro - SP, 07 a 10 de Julho de 2013.

RUSCHEINSKY, Aluisio; GUERRA, Antonio Fernando Silveira; FIGUEIREDO, Mara Lucia; LEME, Patrícia Cristina Silva; RANIERI, Victor Eduardo Lima; DELITTI, Welington Braz Carvalho. **Ambientalização nas Instituições de Educação Superior no Brasil: Caminhos Trilhados, Desafios e Possibilidades**. São Carlos EESC/USP, p. 201. Disponível em: <http://www.bestbothworlds2014.sc.usp.br/AMBIENTALIZACAO.pdf>. Acesso em: out, 2015.

SACHS, Ignacy. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. (Org.). **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

